

Jovens, educação e trabalho: o cuidado como ética de ser e estar no mundo

*Dinora Tereza Zucchetti

*Professora e Pesquisadora do Centro Universitário Feevale; Doutora em Educação pela UFRGS.

E-mail: dinora@feevale.br

RESUMO

Apresento a síntese de uma pesquisa realizada cujos sujeitos jovens são alunos e egressos do Centro de Iniciação Profissional de Novo Hamburgo – RS e que resultou na Tese de Doutorado da autora. A partir da empiria, o estudo demonstra um contexto de crises e mutações da cultura política do tempo da juventude, onde a categoria trabalho, quando analisada como conceito, valor e formação presentifica o trabalho como valor moral humano, a instituição como o lugar do cuidado e a juventude como figura de desordem.

Palavras-Chave: Educação, Juventude, Inclusão Social.

ABSTRACT

This study is the synthesis from a research performed with students, and graduate professionals from “Centro de Iniciação Profissional de Novo Hamburgo-RS” that turned out on author’s Thesis of Doctorate. The research shows a context of crisis and mutations of culture policy in the time of youth, where the variety “working” analyzed as a concept, value and behavior reinforce this study as a human being’s moral value, as well the Institution as a place of care and the young as a pattern of disorder.

Key words: Educacion, Youth, Social Inclusion.

Este artigo é o resultado de uma pesquisa sobre Jovens, Educação e Trabalho. Uma pesquisa que nasceu fruto das reflexões das minhas memórias e dos encontros que a vida proporcionou-me:

(a) das memórias, o interesse da pesquisa. Das minhas primeiras experiências de trabalho entre o lugar do brincar e a compreensão do trabalho mesmo, bem como as incursões teóricas necessárias para pensar os problemas humanos, entre eles, os provocados pelo trabalho mas especialmente pela sua falta;

(b) dos encontros, os desafios de refletir sobre os sentidos do trabalho como valor entre jovens

adolescentes que fazem formação profissional e a Instituição que se ocupa desta formação – o Centro de Iniciação Profissional – CIP.

Desses encontros, o primeiro desafio: a necessidade de (re)aprender a interrogar o trabalho, categoria confusa e obscura e seus múltiplos sentidos de prazer e sofrimento, liberdade e dominação e o movimento necessário para captar a sua dimensão discursiva.

O segundo desafio: a imperiosa necessidade de aprender a olhar as instituições e as suas possibilidades de fomentar a criação de laços amorosos e de relações que perduram por anos.

Entre as memórias, os encontros e os desafios: o ponto de vista, o lugar do olhar.

Desta forma, não permaneci o tempo todo analisando o mundo do trabalho. Havia uma juventude que queria ver desvelada como potência quando na grande maioria das vezes, pela peculiaridade da sua situação sócio-econômica, é considerada como problema social. Assim, o interesse da pesquisa e da reflexão teórica foi no sentido de dar centralidade à relação entre os sujeitos, num determinado espaço institucional voltado à formação profissional de jovens das classes populares.

E, conhecendo os sentidos, as expectativas e as atitudes que os jovens adolescentes têm em relação ao trabalho, ao emprego e até ao desemprego, bem como, o que pensam sobre as instituições, entre elas a escola, o CIP, e até, como se situam e interagem no contexto familiar, ter-se-á a dimensão das crises e mutações da cultura política do tempo da juventude. Um tempo cuja função social extrapola os limites do grupo etário e passa a influir na sociedade como um todo. E, para além da descrição dessa realidade, a perspectiva do *trabalho como valor*. Categoria que foi possível traduzir a partir do empírico e que pode, também, constituir-se em uma possibilidade de debate, à medida que aponta a *diversidade da categoria trabalho quando analisada sob a perspectiva de conceito, valor e formação*.

Meu olhar, então, se debruçou sobre os jovens adolescentes, alunos e egressos do CIP, a instituição e sua intencionalidade (NOVASKY, 1991) e os sentidos do trabalho como valor moral humano.

1. O Centro de Iniciação Profissional, os alunos e as alunas

O CIP é um projeto executado pela Associação do Bem Estar da Criança e do Adolescente - ASBEM em parceria com a Prefeitura Municipal, o SENAI, o SENAC, o SESI, a Associação Industrial e Comercial – ACI, o Banco do Brasil, o Jornal NH (jornal local) e a Sub Delegacia Regional do Trabalho – SDT do Ministério do Trabalho e Emprego.

O CIP foi inaugurado em 1995 e tem entre seus objetivos gerais, a possibilidade de “assegurar uma alternativa de iniciação profissional” e a “frequência com sucesso à escola” a “adolescentes em situação de risco social e pessoal” do município de Novo Hamburgo, RS.

O CIP tem base no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, quando referencia o seu caráter sócio-educativo em meio aberto (ECA, art. 90) e tem no Capítulo V, do mesmo Estatuto, “Do Direito à Profissionalização e à Proteção ao Trabalho” o amparo à questão da profissionalização. É fundamentado na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT e sua legislação da Aprendizagem Profissional e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN no seu Capítulo III – “Da Educação Profissional” e conforme o Decreto Federal 2.208/97 é definido como de nível básico, como *educação não-formal*.

Desde a sua inauguração, atende jovens adolescentes com idade entre 14 e 17 anos no turno contrário à escola, em Cursos de Corte e Costura em tecido, Marcenaria e Serviços Administrativos. O tempo de duração dos cursos é de um ano, com carga horária média de 800 horas/aula. Os dois primeiros cursos são certificados pelo SENAI e o último pelo SENAC.

Dos que demonstram desejo pelo CIP, pode-se dizer que se trata de jovens que querem trabalhar. Dizem alguns que é para *ajudar em casa*, especialmente na compra de alimentos, referindo-se à necessidade de contribuir com a renda familiar. Outros, dizem que querem trabalhar para que não sejam chamados de *vagabundos* pelos demais familiares.

Em geral são filhos de trabalhadores empregados e desempregados do setor coureiro-calçadista, principal ocupação da cidade. Seus pais são, em grande número, migrantes de outras regiões do Estado e, ao que consta, migraram à procura de melhores oportunidades de vida e de trabalho.

Fala-se no plural, em pais, mas essas famílias têm na mãe, em número significativo, a chefe da família e isso faz com que os adolescentes tenham de *arranjar* emprego ainda mais cedo para contribuir em casa, pois sua renda, por menor que seja, pesa consideravelmente sobre a composição da renda familiar. Embora essa demanda de aumentar a parca renda familiar, quando a mãe ou responsável é consultada sobre o encaminhamento do filho para um curso, sem que isso signifique salário em curto prazo ou apenas a remuneração da cota – a remuneração para aprendizes conforme a CLT, – ouve-se que o que importa é a formação do filho, relacionada à idéia de que o curso possa trazer um emprego melhor para o futuro do jovem adolescente. Esse *melhor* significa: em melhores condições de trabalho e renda.

Esses jovens adolescentes estão à procura de emprego, mas, alguns, contraditoriamente, quando indagados sobre como tem feito para consegui-lo, dizem que não têm saído para procurar. Contudo, confirmam que querem trabalhar. Isto, à primeira vista, pode indicar que, chegado aos 13 ou 14 anos, apesar de nem sempre estarem interessados em trabalhar, o discurso da procura do emprego passa a constituir estes sujeitos, quando não, a continuidade de experiências de trabalho que já vem da infância, mas que agora tem a possibilidade da via legítima, autorizada, ao menos em tese, pela idade que se aproxima do tempo permitido para o trabalho.

Quanto aos egressos dos cursos do CIP nem todos tiveram experiência profissional após o término dos cursos e os que tiveram trazem à tona um mercado de trabalho altamente precarizado e instável com pouquíssimas oportunidades de mobilidade social. Em contrapartida, a presença no CIP os têm mantido na escola, o que representa uma lógica às avessas: a escola não significa o acesso ao trabalho e, sim, os cursos de formação profissional ou o emprego é que os mantêm na escola. Essa parece ser uma contradição interessante que pode representar uma descontinuidade na formação: inclusão, permanência e até aproveitamento na escola não significa inclusão no trabalho, embora este seja o discurso dominante.

Também é possível observar, principalmente, entre os jovens egressos que a situação de desemprego atual é somente mais um elemento que lhes dificulta o acesso ao mundo do trabalho, especialmente o formal. A importante defasagem idade-escolaridade, o local de moradia, em bairros da periferia, quando não em áreas ditas clandestinas, são fatores relacionados à pobreza que, segundo os próprios jovens, reduzem ainda mais as suas oportunidades de trabalho.

Outro fato relevante e recente que reduziu ainda mais o acesso do jovem adolescente ao mercado formal de trabalho é a Emenda Constitucional nº 20, de 12 de março de 1998, que altera de 14 para 16 anos a idade mínima para o trabalho. Embora a Lei trate da proteção, vulnerabiliza ainda mais os jovens perante as relações de trabalho. É possível que a alteração da lei demonstre um descompasso entre o instituído e a realidade, uma vez que jovens adolescentes têm ingressado em número cada vez maior no mercado informal, onde a idade de ingresso nem sempre é observada. Diante desta realidade, a sociedade passa a ter um número cada vez maior de jovens adolescentes trabalhando, *incluídos* no mercado de trabalho sem a proteção da lei. Assim, a experiência do primeiro trabalho e/ou emprego ocorre em condições muitas vezes inadequadas, independentes da formação profissional realizada.

Desta forma, o trabalho assume novos significados para os jovens, sugerindo que, ao apreender a dimensão discursiva do trabalho, é possível conferir os múltiplos sentidos atribuídos por eles não só para o trabalho mas também para a formação profissional, para o estar na instituição e para o significado de ser jovem.

2. A construção metodológica, as incursões teóricas e a produção de sentidos

Dialoguei com diferentes teorias e autores para pensar a condição humana de um tempo de vida e suas circunstâncias na relação com o mundo do trabalho, o que exigiu a descrição e a reflexão da Juventude e do Trabalho, colocando em relevo o seu sentido de construção histórica – o conhecimento do passado indispensável para a compreensão do presente – dando ênfase à idéia de *teoria de processo*.

A consciência de um mundo por desvelar colocou a imperiosa necessidade de ouvir, em diferentes momentos, os jovens adolescentes alunos e egressos dos cursos oferecidos pelo CIP, seus familiares, responsáveis e representantes da instituição, o que inspirou a metodologia: da escuta sensível à entrevista dialogada, das observações formais às festas.

As idas a campo, os encontros com os sujeitos da pesquisa, os retornos parciais da pesquisa, tanto para os jovens como para a equipe de trabalho, foram constituindo-se em fonte de reflexão para a pesquisadora, para os jovens e para aqueles que executam a formação. O que faz pensar que a pesquisa assumiu um papel educativo relevante, pois não se tratou de pesquisar *na* ou *a* instituição, mas pesquisar *com* a instituição.

Por isso, aproximei-me da formação profissional com outros olhares, refletindo sobre uma realidade de que se faz e se refaz, num tempo de crise de emprego e de (re)definições do próprio conceito de trabalho.

É inegável que o estar afetiva fundamentou a metodologia e permitiu olhar de novo o já visto antes. O que sugere que as sensibilidades e o conhecimento acadêmico objetivo são dialógicos e tornam possível (re)pensar o próprio pensamento, com o risco da força da repetição, capaz de confirmar ou de relativizar as teorias e a própria empiria.

Desta forma, a ênfase nos discursos dos atores, a pesquisa qualitativa de característica longitudinal que resgatou alunos egressos desde o ano de 1995, traduzem as probabilidades referentes a um grupo, desenham o cotidiano, trazem o imaginário e têm em si a verdade e o equívoco presentes na realidade social. Daí a pesquisa ter dado importância ao acontecimento, aquele que provoca mudanças no tempo presente, no contexto local e na própria existência. Com ênfase nos acontecimentos, foram muitos os sentidos produzidos pelo estudo. Alguns foram apreendidos a partir dos discursos dos próprios jovens, outros foram captados a partir da análise do contexto local e outros, ainda, foram oportunizados a partir da própria reflexão teórica tensionada pela realidade e principalmente pelo objeto da pesquisa: os sentidos do trabalho como valor entre jovens que fazem formação profissional no CIP. O que torna possível apresentar:

(a) O trabalho como valor moral humano

Entre os diversos sentidos do trabalho como valor, apreendidos pela pesquisa, há evidências da diferença entre trabalho e emprego entre os jovens e seus familiares. Muitos jovens adolescentes já trabalharam, inclusive na infância, mas isso não era considerado por eles um emprego. O discurso de Alice (35 anos, 1998), mãe de uma ex-aluna e dona de casa, diz que o que faz, no contexto do seu lar, é importante, mas que não se trata de emprego ao mesmo tempo em que não o reconhece como trabalho, mas como responsabilidade de mãe e de mulher.

Contudo, o sentido para o trabalho como valor mais marcante entre os jovens adolescentes está em *ter ou não ter emprego para quem tem muito trabalho para viver*. Este sentido reporta a uma relação direta do trabalho enquanto direito e forma de sobrevivência para poder manter as suas necessidades satisfeitas e permanecer junto com as suas famílias.

Outros sentidos para o trabalho foram apreendidos pela pesquisa: a relação entre trabalho e gêne-

ro e a descaracterização do trabalho da mulher; a presença do trabalho e as identificações sucessivas que este possibilita, em detrimento da idéia do trabalho como formador da identidade; o trabalho infantil como um tempo que foi perdido; o esquecimento da relação entre trabalho e escola, isto é, a escola como o lugar que forma para o trabalho.

Assim, o trabalho como valor apontado pelos jovens, o contexto em mutação e as reflexões de diferentes autores sobre o trabalho e os perfis dos trabalhadores, instigam o pensamento sobre quais sentidos tem e terá a formação profissional na sociedade do desemprego estrutural. Heidegger (2000a, 2000b) sugere uma pista ao definir o valor da ocupação (*besorgem*) com sentido de cura/cuidado. Ocupar-se refere-se ao ser-no-mundo e tem, para o autor, na analítica da presença, interpretação fundamental. O trabalho assume, então, valor de ocupação.

Os jovens pesquisados, ao referirem o CIP como o próprio trabalho, no sentido do emprego, reconhecido especialmente pelo ato da Carteira Profissional assinada e a remuneração no final do mês, oportunizam o reconhecimento do valor de ocupação que o CIP possa representar, uma vez que o mesmo não se configura como emprego, nem na sua forma e nem no seu conteúdo.

O valor da ocupação parece acentuar as realizações concretas do exercício da presença e a possibilidade de se fazer, como um modo de ser do cuidado, resgata a importância das Políticas Sociais, entre elas a Educação, no seu sentido amplo de formadora do humano. O valor da ocupação, por sua vez, também resgata a moral cristã do trabalho, reforçada, a seu tempo, pelas idéias burguesas e mesmo pela luta dos trabalhadores, desde o movimento operário e ainda presente até hoje nas atuais discussões sobre o direito ao trabalho.

Talvez a perspectiva da ocupação justifique que, entre os jovens pesquisados, valores como a honestidade, pontualidade, dedicação, compromisso, escolaridade, caráter, confiança em si próprio, responsabilidade, força de vontade, entre outras, refiram as habilidades e competências necessárias ao sujeito que trabalha e que deseja ser um bom trabalhador.

(b) A instituição como o lugar ético do cuidado

Uma instituição que atende a jovens adolescentes transfigura-se no lugar do cuidado, tomando para si o propósito que funda as instituições, o *cuidado com o outro*, inaugurando uma ética institucional, uma *ética do cuidado*.

Inspirada por Heidegger (2000a, 2000b) e Boff (2000a, 2000b) e tendo por base os dados da pesqui-

sa empírica, é possível pensar o CIP como um lugar que auxilia na constituição do ser-no-mundo. E a tensão entre educar e assistir, presente em ações de natureza socioeducativas, materializam-se no cuidado institucional.

Na escuta aos jovens, familiares e representantes da instituição, não existem necessariamente opiniões idênticas sobre o que é educar e assistir; no entanto, este último faz-se especialmente através das atividades que satisfazem as necessidades básicas, como o afeto e a alimentação. Presencia-se no bem-estar e no trabalho como ocupação do tempo livre e oposto ao ócio. Aparece pelas suas características de falta e suas demandas. Já a educação está para o tempo futuro e sua repercussão sobre o *dever ser*. Entre os representantes da instituição, não raro, esta tensão perde espaço para uma perspectiva linear onde o assistir antecede o educar.

Entre os egressos é concreta a presença do CIP e no que ajudou na vida de cada um. Destes, entre os que estão trabalhando, o CIP se constitui num lugar que contribuiu com a sua formação profissional. Entre os que não estão trabalhando, o CIP ajudou a viver a adolescência de forma mais saudável, a não ir para as ruas e a não usar drogas.

O CIP como o lugar do cuidado, no entanto, não pode perder de vista a questão da profissionalização e suas relações com o mercado de trabalho e com as formas mais atuais de autogestão. Há uma promessa a ser cumprida. Os jovens que procuram o CIP, ou são encaminhados para lá, o fazem pensando na potencialização da sua vida, inclusive profissional atual e futura. Assim, é necessário que se (re)conheça, nos meandros, a formação oferecida para verificar se os jovens ou não são suficientemente preparados para o trabalho disponível ou se há um mercado em que eles não são mais necessários, a não ser para realizar trabalhos de menor qualificação.

É a promessa institucional da formação profissional o que justifica, na maioria das vezes, o apoio e a expectativa dos pais ou responsáveis que oferecem aos jovens um tempo de moratória para a formação profissional em detrimento do trabalho penoso precoce. Disso é possível apreender que há na dinâmica familiar, também, uma ética do cuidado que dialoga com os objetivos institucionais.

(c) A analítica da juventude

Como impedir que as categorias *exclusão social, jovens em situação de vulnerabilidade social, em risco social e pessoal e menores*, dificultem os movimentos daqueles que nomeiam? José de Souza Martins (1997) adverte uma sociedade ávida por estig-

mas, ao definir que o conceito de exclusão tem em si o peso de uma palavra inerte que reduz a integração porque pouco reconhece a inclusão.

A ênfase no *risco social e pessoal* incrimina os jovens pobres e permite a sociedade sentir-se em risco pela presença deles. Os discursos que reforçam o conceito de minoridade são discriminatórios e retiram dos jovens sua potência de sujeitos.

Para Castel (1998), por sua vez, a vulnerabilidade social tem sentido de incerteza, especialmente com relação ao lugar social e brota do enfraquecimento dos sistemas de proteção do Estado e de seus contratos sociais, o que lhe dá o estatuto de questão social. O que faz pensar não em um grupo mais ou menos vulnerável, como é o caso da juventude, mas em uma realidade social que vulnerabiliza mais determinados grupos sociais, entre eles os jovens.

A situação de vulnerabilidade, deste ponto de vista, é uma categoria que questiona continuamente o conjunto da sociedade. Segundo Rizek apud Castel (1998, p. 19) no Prefácio de *As metamorfoses da questão social* "... é impossível separar completamente os 'de dentro' e os 'de fora', já que há um *continuum* de posições que se contaminam".

No entanto, há na presença de uma sociedade vulnerabilizadora que atormenta as pessoas, uma força propulsora que instiga a busca de pertencimento. Não há estatuto de permanência nestas situações, há fragilidades. E a superação destas vulnerabilidades não significa, no caso dos jovens, a simples inclusão no mundo do trabalho ou em atividades organizadas ou ainda no reconhecimento dos seus direitos e dos mínimos sociais, embora todos estes tenham lugar de importância. Os jovens ensejam projetos de felicidade.

(d) A juventude como figura de desordem

A juventude apresenta-se como *figura de desordem* (BALANDIER, 1997) quando faz emergir sentidos e valores diversos para o trabalho, quebrando a ossatura da categoria trabalho como paradigma econômico e científico e resgatando o trabalho como categoria discursiva que produz sentidos a partir das experiências. *A juventude é figura de desordem* quando mostra que o trabalho é um projeto a mais na vida, mas não o único. A presença do estar-junto afetivo ganha proporções identitárias, ou melhor, de identificações sucessivas e, na pesquisa com os egressos, fica relativizada a formação profissional oferecida pelo CIP, em nome de uma formação geral que forma humanidades.

A juventude, como figura de desordem aparece

entre o real e o instituído. A lei que prolonga para 16 anos a idade oficial para o início do trabalho desconhece a realidade do trabalho informal e desqualificado daqueles que, desde a infância, trabalham e dos que, chegados os 13, 14 anos já compõem as estatísticas do trabalho e do emprego.

A juventude como figura de desordem vê seu tempo prolongado ao mesmo tempo em que a sociedade quer indiciá-la criminalmente cada vez mais cedo.

A juventude como figura de desordem explicita o fazer institucional presentificado na tensão entre educar e assistir. Os discursos acadêmicos dominantes apontam um assistencial que precisa ser aplacado e uma educação que é sempre a perspectiva de uma nova possibilidade de garantia da cultura e da sociedade: no educar, a potência da formação dos espíritos; no assistir, o alívio da necessidade, o caráter compensatório e a elevação do nível de vida pela ajuda externa, como situações de menor grandeza. E, embora a *presença* desta tensão se dê no mundo das idéias, o real é dado pela *presença* do jovem que, na instituição, dialoga o tempo todo com estes dois universos, onde educar e assistir são sempre cuidar.

Para finalizar, eu creio que são os próprios jovens, ao problematizar continuamente a realidade social e, por vezes, as próprias incoerências do conhecimento acadêmico – entre eles os rótulos sobre a juventude pobre e suas relações com as instituições e com o trabalho –, que explicitam as situações de vulnerabilidades forjadas numa *sociedade que abdicou da ética do cuidado*.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000 a.
- _____. **Princípio da compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2000 b.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 2. ED. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes. 2000 a.
- _____. _____. Parte II. Petrópolis: Vozes. 2000 b.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social a nova**

desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997.

MORIN, Edgar et al. **A sociedade em busca de valores:** para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. *Complexidade e ética da solidariedade.* In: CASTRO, Gustavo et ali. **Ensaio da complexidade.** Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 15-24.

_____. **Ciência com consciência.** 2. ED. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Saberes locais e saberes globais:** o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **Complexidade e transdisciplinariedade:** a

reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN, 2000.

NOVASKY, Augusto João Crema. *Historicidade e Instituições Humanas. Pro-posições.* São Paulo, n.4, p. 16-25, abr. 1991.

ZUCCHETTI, Dinora. *Sentidos do trabalho como valor entre adolescentes aprendizes.* In: FONSECA, Laura (org). **Formando o adolescente cidadão:** Aprendiz num Centro de Iniciação Profissional. Porto Alegre: Convênio FAPERGS/UFRGS, 1999. Inédito.

_____. **Jovens: a educação, o trabalho e o cuidado como éticas de ser e estar no mundo.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.